



HAHNEMANN BACELAR

Filho de Francisco Paula de Aguiar e Adélia Bacelar de Aguiar, nasceu na cidade de Manaus, no dia 8 de outubro de 1948, o artista amazonense Hahnemann Bacelar. Em 1998 faria 50 anos de idade, se não tivesse morrido de maneira trágica em Belém, no dia 22 de fevereiro de 1971. Tinha somente 22 anos e para muitos a estação de sonhos não se havia encerrado. Em consequência de sua morte prematura, surgiram depoimentos e opiniões controversos sobre sua vida e personalidade, mas muito pouco foi dito sobre sua produção artística. Sabe-se que teve orientação do gravador Álvaro Páscoa e frequentara a Pinacoteca do Estado, participou de alguns eventos artísticos e seu trabalho parecia muito bem-aceito pela classe artística e ganhava espaço.

RESGATE E MEMÓRIA

Ainda que pequeno, o conjunto de obras deixado por esse jovem criador é bastante significativo. Ainda não foi possível um levantamento total de sua produção e grande parte dela se mantém desconhecida do grande público, pois restringe-se a domicílio de amigos e colecionadores, guardada sob sete chaves. São estudos, desenhos, xilogravuras e pinturas. Com frequência, reivindica-se uma grande mostra com os trabalhos de Hahnemann, assim como o levantamento e estudo

de suas obras com a produção de um catálogo digno de sua obra. Mas nesse sentido não se pode ignorar algumas iniciativas, como a publicação de um álbum programado visualmente pelo artista Roberto Evangelista e editado em 1973 pela antiga Fundação Cultural do Amazonas, reproduzindo alguns de seus desenhos e gravuras. Não se deve esquecer que, em 1980, o artista plástico Sérgio Cardoso prestou uma simpática homenagem ao artista, batizando com o nome de Hahnemann a primeira Galeria de Arte do antigo ICHL, hoje FES. Outra homenagem feita ao pintor ocorreu durante a administração do reitor Marcus Barros, em setembro de 1993, que depois de reformar o antigo Setor de Artes batizou-o como Centro de Artes Hahnemann Bacelar, inaugurando sua galeria com uma exposição retrospectiva do artista, reunindo algumas de suas obras mais conhecidas. Posteriormente, o poeta Thiago de Mello ampliou o acervo do Estado, doando duas telas de Hahnemann. Em setembro de 1997, o Centro Cultural Palácio Rio Negro promoveu nova retrospectiva do artista, ampliando o número de obras, acrescentando algumas telas e desenhos nunca antes exibidos numa exposição do artista, resgatando sua obra e apresentando-o às novas gerações. No mesmo ano de 1997, a Secretaria de Cultura adquiriu e exibiu os inéditos desenhos do artista que se encontravam com o seu amigo Sérgio Moura desde a época da tragédia em Belém.

*Mestre em História da Arte, professor do Departamento de Educação Artística da Universidade do Amazonas.





VIDA E OBRA

Analisando a produção artística por uma abordagem sociológica da arte espera-se que através de sua obra o artista revele a percepção de sua época, com suas contradições e suas idéias. Certamente, não se trata de um tratado ético ou moral, mas compreende-se que a obra de arte deva ser autêntica e para entender essa noção, retoma-se o sentido pro-

posto pelos artistas românticos que encaravam a obra como uma extensão do artista, com suas verdades e convicções, revelando um compromisso com o seu tempo. Talvez, por essa concepção romântica da arte é que, ao analisar a obra de Hahnemann, com certa razão, não se consiga desvincular a carga dramática de sua vida dos traços expressionistas de sua obra.

DETALHES

Mãe do Corpo



Cafuné ▶



▲
Nus Amarelos

◀ *Miséria*

MÃE DO CORPO

Uma das pinturas mais antigas do artista, *Mãe do corpo* (1966), apresenta uma temática amazônica, mostra uma cena retirada da tradição popular que teria surgido a partir de uma das muitas histórias que sua mãe lhe contava. A obra é composta por quatro mulheres e uma criança do sexo masculino, agarrada na perna da mãe, observando a cena – talvez um

ritual de cura onde a benzedeira ou parteira pisa sobre o ventre de uma mulher deitada sobre uma esteira de palha no chão. As figuras estão dispostas numa composição piramidal que equilibra o conjunto. A obra é rica em cores e contrastes e o tratamento pictórico é feito através de pinceladas que se justapõem em movimentadas linhas, revelando um quadro que reporta, imediatamente, a algumas obras pós-impressionistas e fauves.





CAFUNÉ

Cafuné (1968), provavelmente a obra mais conhecida de Hahnemann, ganhou o primeiro prêmio em uma das Feiras de Artes Plásticas promovidas pelo Clube da Madrugada. Nesta obra, o autor deteve-se em uma cena que ainda é bastante comum na região, ou seja, o cafuné ou catação de piolho. As mulheres, ou serão meninas? parecem estar numa varanda e, ao fundo, casas de madeira erguem-se contra um céu de puro azul e branco. Nesta obra, destaca-se o intimismo expressivo da cena que é tratada de forma bastante

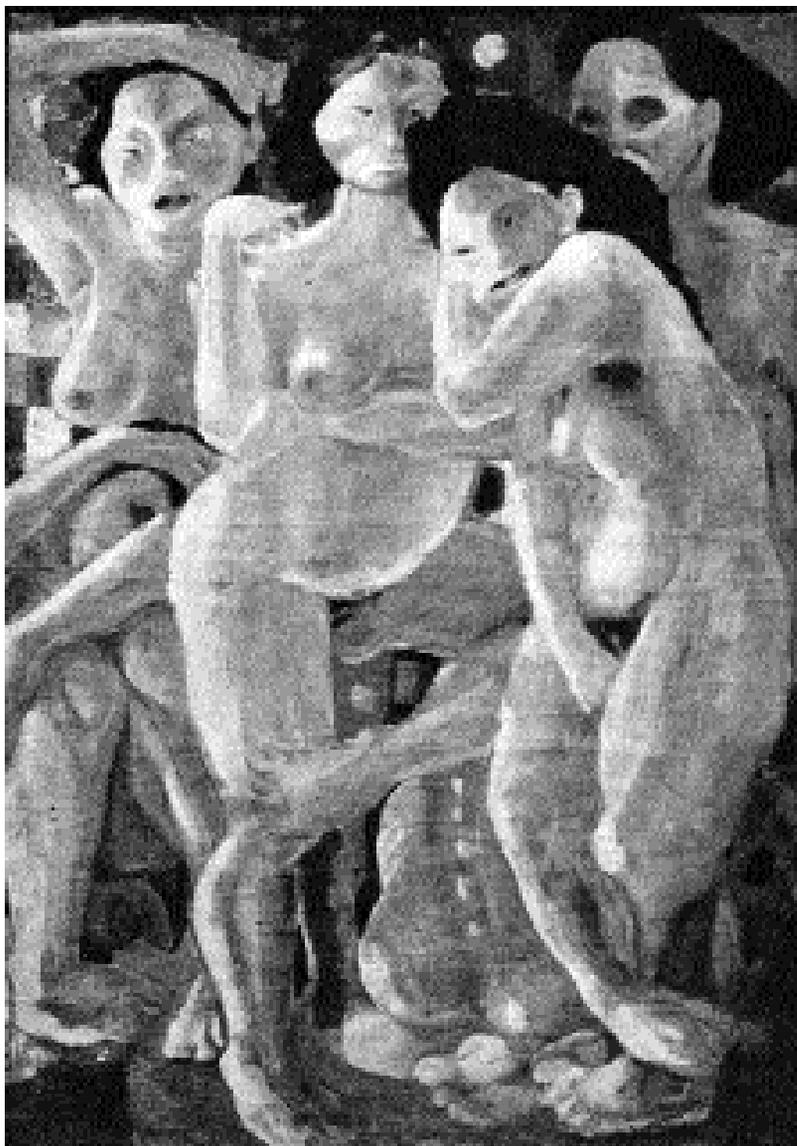
simplificada, quase esquemática, apresentando um destaque para os negros e azuis. As mulheres deste quadro foram apenas motivo ou pretexto para praticar pintura. Certamente, as proporções anatômicas não eram preocupações do artista. As figuras são meras referências. Mãos e pés são apenas insinuados, destacando a força que ganha as desproporcionais mãos da mulher que cata. As figuras são compostas basicamente por cilindros, mas o que poderia ser visto como uma limitação ganha expressividade no tratamento do artista, assim como a sutileza do perfil da catadora.



NUS AMARELOS

Nus Amarelos (1968) é talvez a obra de maior dimensão espacial executada pelo artista. Nesta, o predomínio dos amarelos e rosas vibra sob luzes e brilhos. O esquematismo das formas não retira a expressividade das faces e corpos. Mulheres de olhos rasgados – seriam caboclas amazônicas? Poderiam ser orientais – estão dispostas numa superposição de planos, como se estivessem em fila. A figura central parece impassível com

sua pose de garça e boca desdenhosamente amarga, enquanto os demais elementos da cena parecem contorcer-se em aflição. O desenho da figura humana foi tratado de forma diferenciada das outras obras. O artista optou pela representação de corpos mais alongados e sinuosos, menos estilizado que as outras obras. O colorido parece buscar apenas a essência e, por outro lado, parece mais livre, revelando um descompromisso com o detalhe cromático, tão presente e tão belo em *Miséria* e em *Mãe do corpo*.





MISÉRIA

Em *Miséria* (1968), a atenção do fruidor é imediatamente arrebatada pelo rico cromatismo mesclado com vermelhos, verdes, amarelos, ocres, rosas e azuis que se evidenciam na figura do galo que circula entre os personagens e que sintetiza a tendência do quadro. Passado o impacto do primeiro encontro com esta obra, é estimulante investigar cada pedaço desta tela e vislumbrar outras obras, um mundo de formas e expressões. Cada figu-

ra foi executada com um tratamento diferenciado, ganhando uma individualidade marcante. Aparentemente, os personagens estão todos próximos um dos outros e se tocam, na verdade estão amontoados, mas os olhares buscam diferentes direções. Os rostos apresentam expressões faciais que vão da curiosidade, passando pelo desespero, indo ao desdém e quiçá revelam a alegria de viver. Os traços das expressões são acentuados quase sempre por linhas negras, revelando uma forte influência das tendências expressionistas.



TENDÊNCIAS

A obra de Hahnemann Bacelar é sinalizada por alguns elementos, como o uso de cores fortes, linhas marcadamente agressivas, temática quase sempre de cunho social, tratada de maneira expressionista. Quase sempre a figura central é a mulher e, mesmo ressaltando o sensualismo dessas figuras, o artista não esconde o drama e o sofrimento evidenciados nas situações ou na expressão facial de seus personagens.

PREFERÊNCIAS CROMÁTICAS

Mesmo considerando limitado o número de obras analisadas, e restrito o período de produção das mesmas, entre 1966 e 1968, é possível distinguir pelo menos duas tendências cromáticas: uma mais fria, com o predomínio do azul e verde e definida com traços negros (*Mulheres, Cafuné, Paisagem com carroça e Palafitas*); outra mais quente e muito mais rica em coloridos, amarelos, vermelhos, azuis que explodem com volumes, como em *Miséria, Mãe do Corpo*. Há ainda uma série de pequenas pinturas executadas sobre papel, mas parece despir-se em *Seis nus amarelos*, onde há um predomínio de amarelo, quase dourado que banha os alongados corpos desnudos. Provavelmente, esta obra deve ter sido produzida em um período mais recente que as outras do mesmo ano.

AS MULHERES

As mulheres traçadas por Hahnemann são figuras sensuais, delineadas com traços negros, com uma espontaneidade agressiva. Às vezes, a figura feminina parece ser tratada como mero pretexto para revelar a pintura com as nuances próprias do autor. Além do evidente sensualismo dos corpos arredonda-

dos, ressaltam-se os rostos em sofrimento. Elas estão presentes em quase todas as suas pinturas e ocupam sempre um lugar destacado. Em alguns trabalhos são tantas que chegam a se comprimir no espaço retangular da tela.

A FIGURA MASCULINA

Nota-se, nas obras *Nus amarelos e Miséria*, a presença de uma tímida figura masculina, recolhida num gestual aflito. Em cada uma dessas obras, o homem é apresentado sentado ao chão, largado, com as mãos segurando a cabeça como se estivesse atormentado por alguma dor que não é física. Apesar de encontrar-se cercado, quase sufocado pelas muitas mulheres que habitam as cenas, ele parece não interagir e mesmo expressando a dor não participa dos acontecimentos, assumindo a posição de um observador das situações. Não se pode deixar de notar a semelhança do gesto destas figuras com a foto do artista publicada em um álbum editado em 1973 pela extinta Fundação Cultural. Seria um auto-retrato? Não duvido, mas não disponho de informações que confirmem tal suposição.

SERIA DESTINO?

Para quem acredita que trazemos nas linhas das mãos o destino trilhado não haveria como fugir, a história não poderia ter outro desfecho. Hahnemann foi um artista talentoso que viveu a sua era de sonhos e contestações e, num curto espaço de tempo, produziu uma obra tão forte e dramática como, talvez, tenha sido sua passagem terrena. Certamente foi fugaz, passou como um meteoro cortando a noite e deixando no céu o rastro luminoso de sua breve passagem ou será que foi como um arco-íris, que mesmo rebelde teve que obedecer o seu tempo?

